

# Heterossexualidade compulsória e existência lésbica<sup>1</sup>

*Compulsory Heterosexuality  
and Lesbian Existence*

**Adrienne Rich**

*Poeta, ensaísta e professora estadunidense\**

*Tradução:* **Carlos Guilherme do Valle**

*Professor do Departamento de Antropologia da UFRN*

*Doutor em Antropologia pela Universidade de Londres*

*cgvalle@gmail.com*

1

## Resumo

Em clássico artigo feminista, a autora propõe a idéia da heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres. Ela desafia o apagamento da existência lésbica no pensamento feminista bem como no entendimento geral das relações de gênero na sociedade. O artigo trata da identificação entre mulheres em termos de uma agência politicamente motivada. Crítica a ideologia que supervaloriza a heterocentricidade, mesmo entre feministas. De acordo com sua crítica, Rich coloca-se a favor de um continuum lésbico, que abarcaria um grande escopo de variedades de experiências de identificação entre mulheres. A existência lésbica deveria ser reconhecida historicamente e empodera as vidas de todas as mulheres.

Palavras-chave: Heterossexualidade compulsória. Existência lésbica. Continuum lésbico. Identificação.

## Abstract:

In this classical feminist article, the author proposes the idea of heterosexuality as a political institution which disempowers women. She challenges the erasure of lesbian existence in feminist thought as well as in general understandings of gender relations in society. The article deals with the identification of women in terms of a politically motivating agency. She criticizes the ideology which overestimates heterocentricity, even among feminists. According to her criticism, Rich argues in favour of a lesbian continuum, which would cover a wide scope of varieties of woman-identified experiences. The lesbian existence should be recognized historically as empowering the lives of all women.

Keywords: Compulsory heterosexuality. Lesbian existence. Lesbian continuum. Identification.

---

<sup>1</sup> Originalmente escrito para o dossiê "Sexualidade" da revista Signs, este ensaio foi publicado no periódico em 1980. No ano de 1982, a editora Antelope Publications o reimprimiu como parte de uma série de panfletos feministas. O preâmbulo que inicia o texto foi escrito para esse panfleto. As notas do ensaio são da autora. Para a presente versão em português, as notas do tradutor são indicadas com N.T.

\* Gostaríamos de agradecer a Adrienne Rich e à editora W.W. Norton & Company, por permitirem a tradução do ensaio e sua publicação nesta edição da Bagoas. Adrienne Rich nasceu em 1929, em Baltimore, Estados Unidos. Vida de militância, engajou-se nas lutas lésbico-feministas e de resistência ao racismo, ao militarismo e à homofobia. Entre 1980 e 1990, foi professora da Stanford University. Entre outras obras, é autora de "Nascido de uma mulher: maternidade como experiência e instituição"; "Sobre mentiras, segredos e silêncio"; "Sangue, pão e poesia"; "Arte do possível: ensaios e conversas"; "Poesia e comprometimento: um ensaio".

Gostaria de falar um pouco sobre o modo que “Heterossexualidade compulsória” foi originalmente concebida e, ainda, sobre o contexto que estamos agora vivendo. O texto foi escrito em parte com a proposta de desafiar o apagamento da existência lésbica de boa parte da literatura acadêmica feminista, um apagamento que eu sentia (e sinto) ser não apenas antilésbico, mas também antifeminista em suas consequências, além de distorcer igualmente a experiência das mulheres heterossexuais. Não foi escrito a fim de ampliar ainda mais as divisões, mas sim para encorajar as feministas heterossexuais no exame da heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres e, portanto, a mudá-la. Eu também esperava que outras lésbicas fossem sentir a profundidade e a amplitude de identificação e de vínculo entre mulheres, que têm permanecido como um tema constante, embora abafado, através da experiência heterossexual, e que isso se tornasse, de modo crescente, um impulso politicamente ativado, não apenas uma validação de vidas pessoais. Eu queria que o ensaio sugerisse novas formas de crítica a fim de incitar novas questões nas salas de aula e nos jornais acadêmicos e que esboçasse, ao menos, alguma ponte dentre as diferenças entre *lésbicas* e *feministas*. Eu queria, sobretudo, que as feministas passassem a achar mais problemático ler, escrever e ensinar a partir de uma perspectiva não examinada de heterocentricidade.

Durante o período de três anos em que escrevi “Heterossexualidade compulsória” – com uma energia mesclada de esperança e desejo –, as pressões para o conformismo tornaram-se mais intensas em uma sociedade com atmosfera crescentemente conservadora. As mensagens da Nova Direita dirigidas às mulheres têm sido, precisamente, as de que nós somos parte da propriedade emocional e sexual dos homens e que a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado. As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura. Em uma economia que vem declinando, a mãe solteira que tenta sustentar suas crianças acaba por se confrontar com a feminilização da pobreza que Joyce Miller da *National Coalition of Labor Union Women*<sup>2</sup> considerou como uma das grandes questões da década de 1980. Se ela não se disfarça, a lésbica enfrenta discriminação quando procura aluguel ou, então, perseguição e violência nas ruas. Mesmo dentro de instituições influenciadas pelo feminismo, tais como os

---

<sup>2</sup> N. T.: Coalizão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Sindicalizadas.

abrigo de mulheres agredidas e os programas acadêmicos de *Women's Studies*<sup>3</sup>, lésbicas assumidas são demitidas e outras são persuadidas a ficar “no armário”. Abrigar-se no semelhante – assimilação para aquelas que, assim, o conseguem – é a mais passiva e debilitante das respostas à repressão política, à insegurança econômica e à renovada “temporada de caça” da diferença.

Gostaria de notar que o registro da violência masculina contra as mulheres – especialmente dentro de casa – tem se acumulado rapidamente no período. Ao mesmo tempo, no terreno da literatura, que retrata os vínculos e a identificação entre mulheres como essenciais para a sobrevivência feminina, uma corrente regular de crítica e de produção textual tem surgido entre as mulheres de cor em geral e as lésbicas de cor em particular. Esse último grupo tendo sido apagado, até mesmo mais profundamente, da produção acadêmica feminista pelo duplo viés do racismo e da homofobia<sup>4</sup>.

Vem se apresentando recentemente um intenso debate sobre a sexualidade feminina por parte de feministas e lésbicas através de linhas de interpretação traçadas, de modo frequente, com fúria e amargor e que tomam o *sadomasoquismo* e a *pornografia* como as palavras-chave, variavelmente definidas de acordo com a pessoa que está falando sobre o tema. É real e profundo o rancor e o medo das mulheres no que diz respeito à sexualidade e suas relações com o poder e a dor, mesmo quando o diálogo soa simplista e autojustificado ou, então, como dois monólogos paralelos.

Por conta de todos esses desenvolvimentos, há certas partes do presente ensaio que eu poderia escrever, qualificar e expandir diferentemente,

---

<sup>3</sup> N.T.: Estudos da Mulher.

<sup>4</sup> Veja, por exemplo, ALLEN Paula Gunn. *The Sacred Hoop: recovering the Feminine in American Indian Traditions*. Boston: Beacon, 1986; BRANT, Beth (Ed.). *A Gathering of Spirit: writing and Art by North American Indian Women*. Montpelier: Sinister Wisdom Books, 1984; ANZALDÚA Gloria; MORAGA, Cherrie (Ed.). *The bridge Called My Back: writing by Radical Women of Color*. Watertown: Persephone, 1981, distribuído por Kitchen Table/Women of Color Press, Albany, NY; ROBERTS, J. R. *Black Lesbians: an Annotated Bibliography*. Tallahassee: Naiad, 1981; SMITH, Barbara (Ed.). *Home Girls: a Black Feminist Anthology*. Albany: Kitchen Table/Women of Color Press, 1984. Como foi apontado por Lorraine Bethel e Barbara Smith em *Conditions 5: the Black Women's Issue* (1980), boa quantidade da ficção escrita por mulheres negras retratam relações primárias entre mulheres. Gostaria de citar aqui o trabalho de Anna Ata Aidoo, Toni Cade Bambara, Buchi Emecheta, Bessie Head, Zora Neale Hurston, Alice Walker, Donna Alegria, Red Jordan Arobateau, Audre Lorde, Ann Alley Shockley, dentre outras, mas todas escrevendo diretamente como lésbicas negras. Para a leitura de mais ficção produzida por outras lésbicas de cor, veja BULKIN, Elly (Ed.). *Lesbian Fiction: an Anthology*. Watertown: Persephone, 1981.

Para relatos de existência lésbica judia, veja também BECK, Evelyn Torton (Ed.). *Nice Jewish Girls: a Lesbian Anthology*. Watertown: Persephone, 1982, distribuído por Crossing Press, Trumansburg, NY, 14886; BLOCH, Alice. *Lifetime Guarantee*. Watertown: Persephone, 1982; e KAYE-KANTROWITZ, Melanie; KLEPFISZ, Irena (Ed.). *The Tribe of Dina: a Jewish Women's Anthology*. Montpelier: Sinister Wisdom Books, 1986.

A formulação mais antiga que conheço da heterossexualidade como uma instituição estava no jornal lésbico-feminista *The Furies*, fundado em 1971. Para uma coleção de artigos do jornal, veja MYRON, Nancy; BUNCH, Charlotte (Ed.). *Lesbianism and the Women's Movement*. Oakland: Diana Press, 1975; distribuído por Crossing Press, Trumansburg, NY, 14886.

se eu pudesse escrevê-lo hoje em dia. Mas continuo a acreditar que as feministas heterossexuais irão extrair força política a favor de mudança ao tomarem uma posição crítica diante da ideologia que *demand*a heterossexualidade, mas também acredito que as lésbicas não poderão negar que podem ser afetadas por essa ideologia e por aquelas instituições que são por ela criadas. Não há nada em tal crítica que nos faça pensar enquanto vítimas, como se tivéssemos passado por uma lavagem cerebral ou estivéssemos totalmente sem poder. Tanto a coerção como a compulsão estão entre as condições nas quais as mulheres têm aprendido a reconhecer sua própria força. Resistência é um grande tema no presente ensaio e no próprio estudo da vida das mulheres, se sabemos o que estamos procurando.

## I

Biologicamente, os homens possuem apenas uma orientação inata – a sexual, que os dirige para as mulheres – enquanto as mulheres possuem duas orientações inatas, a sexual dirigida para os homens e a reprodutiva dirigida para sua prole<sup>5</sup>.

Eu era uma mulher terrivelmente vulnerável e crítica, usando minha falta de feminilidade como uma espécie de padrão ou escala para medir e descartar homens. Sim – algo parecido com isso. Eu era uma Anna que provocava o fracasso dos homens sem ter mesmo a consciência disso. (Mas eu estou consciente disso. E estando consciente implica que eu deixe isso para trás e me transforme – mas no que?) Fiquei presa muito rápido a uma emoção comum às mulheres de nosso tempo, que pode torná-las amargas ou lésbicas ou solitárias. Sim, aquela Anna era assim durante aquele tempo [...]<sup>6</sup>.

A via da heterossexualidade compulsória, por meio da qual a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou a ser simplesmente apresentada como invisível, poderia ser ilustrada a partir de muitos textos, além dos dois precedentes. A suposição de Rossi, segundo a qual as mulheres seriam dirigidas de modo “inato” para os homens, e aquela feita por Lessing, de que a lésbica está simplesmente apresentando sua amargura diante dos homens, não seriam, de modo algum,

---

<sup>5</sup> Alice Rossi, "Children and Work in the Lives of Women", comunicação apresentada na Universidade do Arizona, Tucson, fevereiro de 1976.

<sup>6</sup> LESSING, Doris. 1962. *The Golden Notebook*. New York: Bantam, 1977, p. 480.

suas exclusivamente. Essas ideias são amplamente reconhecidas e correntes na literatura e nas ciências sociais.

Estou interessada em dois outros assuntos também: o primeiro, como e por que a escolha por parte das próprias mulheres de outras mulheres como grandes amigas, suas parceiras e colegas de trabalho, suas amantes, e até sua própria comunidade, tem sido esmagada, invalidada, forçada a se esconder ou recobrir; o segundo assunto se refere à negligência total ou virtual da existência lésbica em um amplo conjunto de textos, inclusive da produção acadêmica feminista. Há aqui obviamente alguma conexão. Acredito que boa parte da teoria e da crítica feminista está encalhada nesse banco de areia.

Meu impulso organizador é o de crer que não seja ainda suficiente que o pensamento feminista tenha reconhecido existirem textos especificamente lésbicos. Qualquer teoria ou criação cultural/política que trate a existência lésbica como um fenômeno marginal ou menos “natural”, como mera “preferência sexual”, como uma imagem espelhada de uma relação heterossexual ou de uma relação homossexual masculina seria, portanto, profundamente frágil, independente de qualquer contribuição que ainda tenha. A teoria feminista não pode mais afirmar ou meramente declarar uma tolerância ao “lesbianismo” como um “estilo de vida alternativo”, ou fazer alusão às lésbicas. Uma crítica feminista da orientação compulsoriamente heterossexual das mulheres já está longamente atrasada. No presente artigo, de caráter exploratório, tentarei mostrar o porquê disso.

## II

Se as mulheres são as mais antigas fontes de cuidado emocional e da alimentação das crianças, meninos ou meninas, pareceria lógico colocar, ao menos a partir de uma perspectiva feminista, as seguintes questões: se a busca por amor e ternura em ambos os sexos não as conduz originalmente na direção das mulheres, então *por que de fato as mulheres iriam sempre redirecionar aquela busca?*; por que a sobrevivência da espécie, os meios de impregnação e as relações erótico-emocionais deveriam ter se tornado tão rigidamente identificados entre si?; e por que tão violentas restrições deveriam ser entendidas como necessárias a fim de reforçar a subserviência e a total lealdade erótico-emocional das mulheres frente aos homens? Eu duvido que docentes e teóricas feministas tenham se obrigado a reconhecer, em número suficiente, as forças societárias que subtraem as energias emocionais e eróticas das mulheres, delas próprias e de outras mulheres, ou dos valores identificados

com as mulheres. Como é minha intenção mostrar, essas forças abarcam desde a escravização física literal até a dissimulação e a distorção de opções possíveis.

Eu não afirmo que os cuidados maternos pelas próprias mulheres sejam “motivo suficiente” para explicar a existência lésbica. Contudo, a questão dos cuidados maternos por parte das mulheres tem sido muito relevada ultimamente, acompanhada usualmente da visão de que a maior participação masculina como pais iria minimizar o antagonismo entre os sexos e, assim, equalizar a desigualdade sexual de poder dos homens sobre as mulheres. Essas discussões são desenroladas sem referência qualquer à heterossexualidade compulsória como um fenômeno, sem dizer como uma ideologia. Eu não desejo psicologizar aqui, mas sim identificar, sobretudo, as fontes de poder masculino. Acredito que um grande número de homens poderia, de fato, desempenhar o cuidado das crianças em maior escala sem alterar radicalmente o peso maior do poder masculino em uma sociedade identificadamente masculina.

Em seu ensaio *The Origin of Family*<sup>7</sup>, Kathleen Gough arrola oito características do poder masculino em sociedades arcaicas e contemporâneas que eu gostaria de usar como esquema: “A habilidade dos homens ao negar a sexualidade das mulheres ou ao forçá-las a isso; ao comandar ou explorar o trabalho delas a fim de controlar sua produção; ao controlá-las ou roubá-las de suas crianças; ao confiná-las fisicamente e privá-las de seus movimentos; ao usá-las como objetos em transações masculinas; ao restringir sua criatividade; ou quando as retiram de amplas áreas de conhecimento e de realizações culturais da sociedade”<sup>8</sup> (Gough não percebe que essas características de poder reforçam especificamente a heterossexualidade, mas apenas que elas produzem desigualdade sexual). Abaixo, as palavras de Gough aparecem em itálico, e a reflexão de cada uma de suas categorias, feita por mim mesma, está colocada entre colchetes.

As características de poder masculino incluem *o poder dos homens*:

1) *Ao negar a [própria] sexualidade das mulheres* – [por meio da clitoridectomia e infibulação; de cintos de castidade; da punição, inclusive a morte, devido ao adultério; da punição, inclusive a morte, em razão da sexualidade lésbica; da negação psicanalítica do clitóris; de restrições contra a

---

<sup>7</sup> N.T.: A Origem da Família.

<sup>8</sup> GOUGH, Kathleen. "The Origin of the Family". In: REITER, Rayna (Ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 60-70.

masturbação; da negação da sexualidade da mãe e da mulher pós-menopausa; de histerectomias desnecessárias; de imagens pseudolésbicas na mídia e na literatura; do fechamento de arquivos e da destruição de documentos relacionados com a existência lésbica];

2) *Ou forçá-las* [à sexualidade masculina] – [por meio de estupro (inclusive o estupro marital) e agressão da esposa; do incesto pai-filha, irmão-irmã; da socialização das mulheres para que elas sintam que a “pulsão” sexual masculina consiste em um direito<sup>9</sup>; da idealização do romance heterossexual na arte, na literatura, na mídia, na propaganda etc.; do casamento infantil; do casamento arranjado; da prostituição; do harém; das doutrinas psicanalíticas da frigidez e do orgasmo vaginal; das descrições pornográficas das mulheres a responder com prazer à violência sexual e à humilhação (em que a mensagem subliminar seria que o sadismo heterossexual é mais “normal” do que a sexualidade das mulheres)];

3) *Ao comandar ou explorar o trabalho delas a fim de controlar sua produção* – [por meio das instituições de casamento e da maternidade como produção sem pagamento; da segregação horizontal das mulheres em trabalho assalariado; da criação de armadilhas para a mulher através de símbolos de ascensão social; do controle masculino do aborto, da contracepção, da esterilização e do parto; da cafetinagem; do infanticídio feminino, que rouba as mães de suas filhas e contribui para a desvalorização generalizada das mulheres];

4) *Ao controlá-las ou roubá-las de suas crianças* – [por meio do direito paterno e do “sequestro legal”<sup>10</sup>; da esterilização forçada; do infanticídio sistemático; da apreensão legal dos filhos de mães lésbicas pelos juizados; da má conduta profissional de homens obstetras; do uso da mãe como “mediadora-simbólica da tortura” na mutilação genital ou, então, ao amarrar os pés da filha (ou sua cabeça) para adequá-la mais perfeitamente ao casamento];

5) *Ao confiná-las fisicamente e privá-las de seus movimentos* – [por meio do estupro como terrorismo, excluindo-as das ruas; do uso de *pardah*; da correção dos pés, atrofiando as mulheres de suas capacidades atléticas; do uso de salto alto e de um código de vestuário “feminino” na moda; do uso de véu; do assédio sexual nas ruas; da segregação horizontal das mulheres no emprego; das prescrições de uma mãe atuar “todo o tempo” em casa; da dependência obrigatória forçada das esposas];

---

<sup>9</sup> BARRY, Kathleen. *Female Sexual Slavery*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1979. p. 216-219.

<sup>10</sup> DEMETER, Anna. *Legal Kidnapping*. Boston: Beacon, 1977. p. xx, 126-128.

6) *Ao usá-las como objetos em transações masculinas* – [pelo uso das mulheres como “presentes”; pelo dote ou preço da noiva; pela cafetinagem; pelo casamento arranjado; pelo uso das mulheres como divertimento a fim de facilitar os negócios masculinos – em geral, a esposa como anfitriã ou a garçonete de coquetel vestida para titilação sexual masculina; garotas como acompanhantes e garotas de programa; como “coelhinhos”<sup>11</sup>; gueixas; prostitutas Kisaeng; secretárias];

7) *Ao restringir sua criatividade* – [com a perseguição de bruxas e campanhas contra parteiras e curadoras e nos *pogroms* contra mulheres independentes “não assimiladas”<sup>12</sup>; a definição das buscas e intenções masculinas como mais valiosas do que as femininas em qualquer cultura, o que faz com que os valores culturais se tornem a corporificação da subjetividade masculina; a restrição da satisfação pessoal feminina apenas para o casamento e maternidade; a exploração sexual das mulheres por homens artistas e professores; a interrupção social e econômica das aspirações criativas das mulheres<sup>13</sup>; o apagamento das tradições femininas]<sup>14</sup>;

8) *Ao retirá-las de amplas áreas de conhecimento e de realizações culturais da sociedade* – [por meio da não educação das mulheres; do “Grande Silêncio” quanto às mulheres e, particularmente, da existência de lésbicas na história e cultura<sup>15</sup>; do monitoramento por sexo como um fator para desviá-las da esfera das ciências, da tecnologia e de outras profissões “masculinas”; dos laços sociais e profissionais masculinos que excluem as mulheres; da discriminação das mulheres nas profissões].

Esses são alguns dos métodos pelos quais o poder masculino é manifestado e mantido. Observando todo o esquema, o que certamente impressiona é, sobretudo, o fato de que nós não estamos confrontando apenas a manutenção simples da desigualdade e da posse de propriedade, mas também um feixe difuso de forças que abarcam desde a brutalidade física até o controle da consciência, o que sugere que uma enorme contraforça potencial vem sendo restringida.

---

<sup>11</sup> N.T.: da Playboy

<sup>12</sup> EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. *Witches, Midwives and Nurses: a history of Women Healers*. Old Westbury: Feminist Press, 1973; DWORKIN, Andrea., *Woman Hating*. New York: Dutton, 1974, p. 118-154; Daly, p. 178-222.

<sup>13</sup> Ver WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own*. London: Hogarth, 1929 e WOOLF, Virginia. *Three Guineas*. New York: Harcourt Brace, [1938] 1966; OLSEN, Tillie. *Silences*. Boston: Delacorte, 1978; CLIFF, Michelle. "The Resonance of Interruption". *Chrysalis: a Magazine of Women's Culture*, n. 8, p. 29-37, 1979.

<sup>14</sup> DALY, Mary. *Beyond God the Father*. Boston: Beacon, 1973, p. 347-351; Olsen, p. 22-46.

<sup>15</sup> DALY, Mary. *Beyond God the Father*. Boston: Beacon, 1973, p. 93.

Algumas das formas de o poder masculino se manifestar são mais facilmente reconhecidas do que outras, ao reforçar a heterossexualidade sobre as mulheres. No entanto, cada uma das que eu listei vem adicionar-se ao feixe de forças pelo qual as mulheres têm sido convencidas de que o casamento e a orientação sexual voltada aos homens são vistos como inevitáveis componentes de suas vidas – mesmo se opressivos e não satisfatórios. O cinto de castidade, o casamento infantil, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como exótica ou perversa) na arte, na literatura e no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas das formas óbvias de compulsão, as duas primeiras expressando força física, as duas outras expressando o controle da consciência feminina. Enquanto a clitoridectomia vem sendo atacada pelas feministas como uma forma de tortura das mulheres<sup>16</sup>. Em primeiro lugar, Kathleen Barry alerta que isso não é apenas um modo de tornar uma jovem mulher em uma “apropriada para o casamento” através de uma cirurgia brutal. Pretende-se com isso que as mulheres em estreita proximidade dentro de um casamento polígamo não possam ter relações sexuais entre si, que as conexões eróticas femininas – partindo de uma perspectiva genital-fetichista masculina – sejam literalmente extirpadas, mesmo em uma situação de segregação dos sexos<sup>17</sup>.

Como influência sobre a consciência, a função da pornografia é atualmente uma grande questão pública de nossos tempos, quando uma indústria multibilionária tem o poder de disseminar imagens visualmente degradantes, crescentemente sadísticas das mulheres. Contudo, mesmo a propaganda e a pornografia, digamos, “leves”, apresentam as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade – essencialmente como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens. A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado. Porém, junto dessa mensagem vem outra, nem sempre reconhecida: de que a submissão imposta e

---

<sup>16</sup> HOSKEN, Fran P. "The Violence of Power: genital Mutilation of Females". *Heresies: a Feminist Journal of Art and Politics*, n. 6, p. 28-35, 1978; RUSSELL, Diana; van de VEN, Nicole (Ed.). *Proceedings of the Informational Tribunal of Crimes Against Women*. Millbrae: Les Femmes, 1976. p. 194-195. [A.R, 1986. Veja especialmente "Circumcision of Girls". In: El SAADAWI, Nawal. *The Hidden Face of Eve: women in the Arab World*. Boston: Beacon, 1982. p. 33-43].

<sup>17</sup> BARRY, Kathleen. *Female Sexual Slavery*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1979. p. 163-164.

o uso de crueldade, se acontece com um casal heterossexual, é sexualmente “normal”, enquanto a sensualidade entre mulheres, inclusive mutualidade erótica e respeito, é “estranha”, “doentia”, mesmo pornográfica em si mesma e não muito excitante, quando é comparada com a sexualidade de chicotes, das cordas e dos nós<sup>18</sup>. A pornografia não cria simplesmente uma atmosfera na qual sexo e violência seriam intercambiáveis. *Ela amplia o conjunto de comportamento considerado aceitável para os homens em seus intercursos heterossexuais* – comportamento que retira das mulheres reiteradamente de sua autonomia, de sua dignidade e de seu potencial sexual, inclusive o potencial de amar e ser amada por mulheres com mutualidade e integridade.

Em seu brilhante estudo, *Sexual Harassment of Working Women: a Case of Sex Discrimination*<sup>19</sup>, Catharine A. MacKinnon delinea a interseção entre economia e heterossexualidade compulsória. No capitalismo, as mulheres são segregadas horizontalmente por gênero e ocupam uma posição estrutural inferior no ambiente de trabalho. Não há nada de novo nisso, mas MacKinnon coloca a questão do porquê, ainda que o capitalismo “requeira algum recrutamento de indivíduos para ocupar posições malpagas e de baixo status [...] tais pessoas devem ser biologicamente mulheres”. Ela ainda nota “o fato de os empregadores homens frequentemente não contratarem mulheres qualificadas, mesmo quando eles podem pagá-las menos, o que vem a sugerir que há algum motivo a mais do que o lucro” [grifos da autora]<sup>20</sup>. Ela cita material muito rico que documenta o fato de que as mulheres não sejam somente segregadas em empregos de serviço malpago (como secretárias, empregadas domésticas, datilógrafas, operadoras de telefone, babás, garçonetes), mas a própria “sexualização das mulheres” faz parte do trabalho. Central e intrínseca às realidades econômicas das vidas das mulheres é a exigência de que elas irão “comercializar atratividade sexual para os homens, que tendem a manter o poder e a posição econômica para garantir suas predileções”. MacKinnon registra que o “assédio sexual perpetua a estrutura por meio da qual as mulheres têm sido mantidas em servidão para os homens na base do mercado de trabalho”<sup>21</sup>. Assim, as mulheres no mercado de trabalho ficam à mercê do sexo como poder em um círculo vicioso. Economicamente em desvantagem, as mulheres, sejam garçonetes, sejam professoras titulares,

---

<sup>18</sup> A questão do “sodomismo lésbico” precisa ser examinada em termos dos ensinamentos culturais dominantes sobre a relação entre sexo e violência. Acredito que isso seja outro exemplo da “vida dupla” das mulheres.

<sup>19</sup> N.T.: Assédio Sexual de Mulheres Trabalhadoras: um caso de discriminação sexual.

<sup>20</sup> MACKINNON, Catharine A. *Sexual Harassment of Working Women: a Case of Sex Discrimination*. New Haven: Yale University Press, 1979. p. 15-16.

<sup>21</sup> MACKINNON, Catharine A. (1979. p. 174).

toleram o assédio sexual para se manter em seus empregos e aprendem a se comportar de uma maneira heterossexual complacente e agradável porque elas descobrem que essa é sua verdadeira qualificação para ter emprego, qualquer que seja o tipo de emprego. MacKinnon nota que a mulher que resiste de modo mais decidido às propostas sexuais no local de trabalho é acusada de ser “seca”, não sexual ou lésbica. Isso coloca uma diferença específica entre as experiências das lésbicas e as dos homossexuais masculinos. Uma lésbica “no armário”, devido ao preconceito heterossexista no trabalho, não é simplesmente forçada a negar a verdade sobre suas relações no mundo exterior ou na sua vida privada. Seu emprego depende de que ela finja ser não apenas heterossexual, mas também uma *mulher* heterossexual em termos de seu vestuário, ao desempenhar um papel feminino, atencioso, de uma mulher “de verdade”.

MacKinnon coloca questões radicais como as diferenças qualitativas entre assédio sexual, estupro e intercurso heterossexual comum. (“Como um acusado de estupro reportou, ele não usou muito mais força do que a usualmente feita pelos homens durante as preliminares”). Ela critica Susan Brownmiller<sup>22</sup> por separar o estupro do objetivo final da vida cotidiana pela premissa, não examinada, de que “o estupro é violência, intercurso é sexualidade”, removendo completamente, então, o estupro da esfera sexual. De modo mais crucial, ela argumenta que “ao tirar o estupro do domínio 'do sexual', colocando-o no domínio 'do violento', possibilita que alguém seja contra o estupro sem colocar quaisquer questões sobre o alcance no qual a instituição da heterossexualidade inclui a força como parte normal das 'preliminares'”<sup>23</sup>. “Nunca é indagado se, sob as condições da supremacia masculina, a noção de 'consentimento' tem algum significado”<sup>24</sup>.

É fato que o local de trabalho, dentre outras instituições sociais, consiste em um lugar onde as mulheres têm aprendido a aceitar a violação masculina de suas fronteiras psíquicas e físicas como o preço para sobrevivência; onde as mulheres vêm sendo educadas – não menos que na literatura romântica ou na pornografia – a perceber a si mesmas como presas sexuais. Uma mulher que procura escapar de tais violências eventuais junto da desvantagem econômica pode muito bem voltar-se para o casamento como

---

<sup>22</sup> BROWN MILLER, Susan. *Against our Will: Men, Women and Rape*. New York: Simon and Schuster, 1975.

<sup>23</sup> MACKINNON, Catharine A. (1979. p. 219). Susan Schecter escreve: “A propulsão para a união heterossexual a qualquer custo é tão intensa que [...] ela se tornou uma força cultural em si mesma que cria battering. A ideologia do amor romântico e da posse ciumenta do parceiro como uma propriedade provê um disfarce para o que pode virar abuso severo” (*Aegis: Magazine on Ending Violence against Women*, p. 50-51, [jul.-aug. 1979]).

<sup>24</sup> MACKINNON, Catharine A. (1979. p. 298).

uma forma esperada de proteção, sem trazer para o casamento nem poder social, nem econômico, adentrando, portanto, tal instituição a partir de uma posição desvantajosa. McKinnon (1979. p. 220) indaga por fim:

E se a desigualdade é construída no próprio bojo das concepções sociais da sexualidade masculina e feminina, de masculinidade e feminilidade, de sensualidade e de atratividade heterossexual? Os incidentes de assédio sexual sugerem que o próprio desejo sexual masculino pode ser estimulado pela vulnerabilidade feminina [...]. Os homens sentem que eles podem tirar vantagem. Já que eles querem, então eles fazem. O exame do assédio sexual, porque os episódios parecem precisamente lugar comum, força qualquer um a confrontar o fato de que normalmente o intercurso sexual ocorre entre desiguais econômicos (como também físicos) [...] a aparente exigência legal de que as violações da sexualidade das mulheres revelem-se fora do comum, antes que eles sejam punidos, ajuda a prevenir as mulheres de definir as condições normais de seu próprio consentimento.

Dada a natureza e a extensão das pressões heterossexuais – a cotidiana “eroticização da subordinação da mulher”, tal como MacKinnon coloca<sup>25</sup> – questiono a perspectiva mais ou menos psicanalítica (sugerida por escritoras como Karen Horney, H. R. Hayes, Wolfgang Lederer e, recentemente, Dorothy Dinnerstein) de que a necessidade masculina de controlar sexualmente as mulheres resulta de algum “medo” primal masculino das mulheres e da insaciabilidade sexual das mulheres. Parece ser mais provável que os homens tenham medo, não realmente de serem forçados aos apetites sexuais das mulheres ou que as mulheres queiram sufocá-los e devorá-los, mas de que as mulheres possam ser completamente indiferentes a eles, de que os homens possam se permitir acesso sexual e emocional – portanto econômico – às mulheres nos termos *exclusivos* delas, de outra forma eles seriam deixados na periferia da matriz.

Os meios de assegurar o acesso sexual masculino às mulheres mereceu recentemente uma rigorosa investigação de Kathleen Barry<sup>26</sup>. Ela registra evidências extensivas e inacreditáveis da existência, em grande escala, da escravidão internacional de mulheres, instituição já conhecida como

---

<sup>25</sup> MACKINNON, Catharine A. (1979. p. 221).

<sup>26</sup> BARRY, Kathleen. Female Sexual Slavery. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall, 1979. [A.R. 1986. Veja também BARRY, Kathleen; BUNCH, Charlotte; CASTLEY, Shirley (Ed.). International Feminism: network against Female Sexual Slavery. New York: International Women's Tribune Center, 1984].

“escravidão branca” que, de fato, tem envolvido e, presentemente, ainda envolve mulheres de todas as raças e classes. Na análise teórica derivada de sua pesquisa, Barry faz a conexão entre todas as condições forçadas sob as quais as mulheres ficam assujeitadas aos homens: prostituição, estupro conjugal, incesto pai-filha e irmão-irmã, espancamento de esposas, pornografia, preço da noiva, venda de filhas, *pardah*, a mutilação genital. Ela encara o estupro como um paradigma – sendo a vítima do assalto sexual responsabilizada por sua própria vitimização – que leva à racionalização e à aceitação de outras formas de escravização, nas quais se presume que a mulher “escolheu” seu destino, que o adotou passivamente ou por ter cortejado perversamente através de comportamento não casto ou arrojado. Ao contrário, Barry sustenta que a “escravidão sexual feminina está presente em TODAS as situações onde as mulheres ou as jovens não podem mudar as condições de sua existência, onde, desconsiderando os modos em que chegaram a tais condições, ou seja, pressão social, dificuldades econômicas, confiança equivocada ou em busca de afeição, elas não podem se afastar e quando elas são sujeitas a violência e exploração sexual”<sup>27</sup>. Ela apresenta um espectro de exemplos concretos, não apenas concernente à existência de um tráfico internacional e generalizado de mulheres, mas também como ele opera – se na forma do chamado “canal do Minnesota”, direcionando louras de olhos azuis, fugitivas do meio-oeste norte-americano para a *Times Square* no meio de Nova Iorque; na aquisição de mulheres jovens a partir da pobreza rural da América Latina e do Sudeste Asiático; ou, ainda, ao prover matadouros (*maisons d'abattage*) para as migrantes trabalhadoras do décimo oitavo *arrondissement* de Paris. Em vez de “culpar a vítima” ou tentar diagnosticar sua presumida patologia, Barry dirige seus refletores para a própria patologia da colonização sexual, a ideologia do “sadismo cultural”, representada pela indústria da pornografia e pela ampla identificação das mulheres, primariamente, como “seres sexuais cuja responsabilidade é o do serviço sexual para homens”<sup>28</sup>.

Barry delinea o que ela chama de “perspectiva de dominação sexual” através da qual o abuso sexual e o terrorismo das mulheres pelos homens têm sido apresentados de modo quase invisível, ao tratá-los como naturais e inevitáveis. A partir de tal ponto de vista, as mulheres são prescindíveis apenas se as necessidades emocionais e sexuais dos homens possam ser satisfeitas. Seu livro tem o propósito político de substituir tal perspectiva de dominação por um padrão universal de liberdade básica para as mulheres quanto à violência específica de gênero, quanto às restrições de movimento e quanto ao direito masculino de acesso sexual e emocional. Tal como Mary Daly em *Gyn/Ecology*,

---

<sup>27</sup> Barry (1979, p. 33).

<sup>28</sup> Barry (1979, p. 103).

Barry rejeita as racionalizações estruturalistas ou relativistas culturais para a tortura sexual e a violência contra a mulher. Em seu capítulo inicial, ela pede a suas leitoras que rejeitem todas as saídas convenientes de negação e ignorância.

O único modo que nós podemos deixar de nos esconder, de romper as nossas defesas paralisadas, é saber tudo – tudo sobre a ampla extensão da violência sexual e da dominação das mulheres [...]. Ao *sabermos*, ao nos defrontarmos diretamente, poderemos aprender a mapear nosso caminho além da opressão, ao visionar e ao criar um mundo que evitará a escravidão sexual [...]. Até nomearmos sua prática, darmos sua definição conceitual e sua forma, ilustrarmos sua existência ao longo do tempo e do espaço, aquelas que são suas mais óbvias vítimas não serão capazes de nomeá-la ou de definir sua experiência<sup>29</sup>.

Em graus e modos diferentes, todas as mulheres são suas vítimas, e parte do problema da nomeação e de conceituação da escravidão sexual feminina está, tal como Barry claramente observa, na heterossexualidade compulsória<sup>30</sup>. A heterossexualidade compulsória simplifica a tarefa do proxeneta e do cafetão nos círculos e “centros eróticos” mundiais da prostituição, enquanto, na privacidade da vida familiar, leva as filhas a “aceitarem” o incesto-estupro de seu pai, a mãe a negar que isso esteja acontecendo, a esposa agredida a continuar vivendo com seu marido abusivo. “Amizade ou amor” são a principal tática do proxeneta, cujo trabalho é dirigir a fugitiva ou a jovem confusa para o cafetão para dar algum tempero. A ideologia do romance heterossexual, irradiada na jovem desde sua mais tenra infância por meio dos contos de fada, da televisão, do cinema, da propaganda, das canções populares e da pompa dos casamentos, é um instrumento já pronto nas mãos do proxeneta, que não hesita mesmo em usá-los, tal como Barry registra. Em grande medida, a doutrinação prematura das mulheres pelo “amor” como emoção pode ser um conceito ocidental, mas uma ideologia mais universal subentende a primazia e o caráter incontrolável da pulsão sexual masculina. Essa é uma das muitas contribuições que conseguimos pelo trabalho de Barry (1979, p. 218):

Quando o poder sexual é aprendido por homens adolescentes através da experiência social de sua pulsão sexual, as jovens também aprendem, do mesmo modo, que

---

<sup>29</sup> Barry (1979, p. 5).

<sup>30</sup> Barry (1979, p. 100). [Rich (1986): Esse enunciado foi tomado para clamar que “todas as mulheres são vítimas” puramente e simplesmente ou que “toda heterossexualidade equivale à escravidão sexual”. De preferência, eu diria que todas as mulheres são afetadas, embora diferentemente, por atitudes e práticas desumanizantes frente a todas as mulheres como um grupo!]

o lócus de poder sexual é masculino. Dada a importância colocada sobre a pulsão sexual masculina na socialização das jovens e dos jovens, o início da adolescência é provavelmente a primeira fase significativa de identificação com os homens na vida e desenvolvimento de uma jovem [...]. Quando uma jovem torna-se consciente de seus crescentes sentimentos sexuais [...] ela interrompe suas relações, até então, primárias com suas amigas. Quando elas se tornam secundárias para ela, elas perdem a importância que tinham em suas vidas, sua própria identidade assume também um papel secundário e cresce nela a identificação com os homens.

Precisamos saber ainda por que algumas mulheres nunca, nem temporariamente, interrompem ou se distanciam de suas “relações, até então, primárias” com outras mulheres. E por que a identificação com os homens – a atribuição da lealdade social, política e intelectual de mulheres com os homens – ocorre também entre mulheres permanentemente lésbicas? A hipótese de Barry nos coloca diante de novas questões, mas ela esclarece a diversidade de formas nas quais a heterossexualidade compulsória se apresenta. Na mística da supremacia vitoriosa da pulsão sexual masculina, qual seja, o pênis-de-vida-própria, está enraizada a lei do direito sexual masculino às mulheres, o que justifica, por um lado, a prostituição como uma pressuposição cultural universal, enquanto defende, por outro lado, a escravidão sexual no interior da família por conta da “privacidade familiar e sua singularidade cultural”<sup>31</sup>. Uma vez acionada, a pulsão sexual masculina do adolescente, que tanto as mulheres como os homens jovens aprendem que existe, não poderia tomar responsabilidade por seus atos, nem tomaria, então, um não como resposta, tornando-se, segundo Barry, a norma e a fundamentação racional para o comportamento sexual adulto masculino: uma condição de desenvolvimento sexual obrigatório. As mulheres aprendem a aceitar como natural a inevitabilidade dessa “pulsão” porque elas a recebem como um dogma. Assim, temos o estupro marital. Assim, temos a mulher japonesa que resignadamente arruma a mala de seu marido para que ele viaje um final de semana para os bordéis *kisaen* de Taiwan. Assim, temos a desproporção econômica e também psicológica de poder entre marido e mulher, entre empregador masculino e a mulher trabalhadora, entre pai e filha, entre professor e aluna.

O efeito da identificação com os homens significa

internalizar os valores do colonizador e participar ativamente na realização da colonização do eu e de seu sexo

---

<sup>31</sup> Barry (1979, p. 140).

[...]. A identificação com os homens é o ato por meio do qual as mulheres colocam os homens acima das mulheres, inclusive de si mesmas, em credibilidade, *status* e importância na maioria das situações, desconsiderando a qualidade comparativa que as mulheres possam trazer para a situação [...]. A interação com as mulheres é vista como uma forma menor de se relacionar em todos os níveis<sup>32</sup>.

O que merece investigação suplementar é a duplicidade de ideias opostas em que muitas mulheres se encontram e que nenhuma mulher está livre de modo permanente e completo. Apesar das relações de mulher-para-mulher, das redes de apoio feminino, do sistema de valores da mulher e do sistema feminista, dos quais a mulher depende e aprecia, a doutrinação em termos da credibilidade e do *status* masculino podem ainda criar sinapses no pensamento, negação de sentimento, ideias sugestionadas e uma confusão sexual e intelectual profunda<sup>33</sup>. Cito aqui uma carta que recebi no dia em que eu estava escrevendo essa parte do texto: “Eu tenho mantido relações muito ruins com homens e estou agora no meio de uma separação muito dolorosa. Estou tentando encontrar minhas forças através das mulheres – sem minhas amigas, eu não poderia sobreviver”. Quantas vezes por dia mulheres têm repetido essas mesmas palavras ou as têm pensado e escrito? Quão frequente a sinapse tem sido reafirmada?

Barry (1979, p. 220) sintetiza suas descobertas:

Ao considerarmos o desenvolvimento sexual obrigatório, que entende-se como normal na população masculina, e considerando o número de homens que são cafetões, proxenetas, membros de gangues de escravidão, oficiais corruptos que participam deste tráfico, proprietários e empregadores de bordéis, estalagens e de locais de entretenimento, provedores de pornografia, associados com prostituição, espancadores de esposas, molestadores de crianças, perpetradores de incesto, clientes de prostituição e estupradores, não se pode apenas ficar chocado, por um momento, pela enorme população masculina que está engajada na escravidão sexual feminina. O grande número de homens engajados em tais práticas deveria ser a causa de

---

<sup>32</sup> Barry (1979, p. 172).

<sup>33</sup> Em outro texto, eu sugeri que a identificação com os homens tem sido uma fonte poderosa do racismo da mulher branca e que são as mulheres, vistas como sendo “desleais” aos códigos e sistemas masculinos, que costumam se embater ativamente contra isso. (RICH, Adrienne. “Disloyal to Civilization: Feminism, Racism, Gynephobia”. In: RICH, Adrienne. *On Lies, Secrets, and Silence: selected Prose, 1966-1978*. New York: W.W. Norton, 1979).

uma declaração de emergência internacional, uma crise de violência sexual. Mas o que deveria ser a causa para alarme é, ao invés disso, aceito como um intercurso sexual normal.

Em uma rica e provocadora, embora altamente especulativa dissertação, Susan Cavin sugere que o patriarcado tornou-se possível quando o bando feminino original, que incluía crianças, mas expulsava os machos adolescentes, passou a ser invadido e superado em número por machos. Ela considerou que não foi o casamento patriarcal, mas o estupro da mãe por seu filho que se constituiu o primeiro ato de dominação masculina. A cunha ou alavanca de entrada, que permite que isso ocorra, não é apenas uma simples mudança nas proporções sexuais. É também o laço mãe-filho, manipulado por machos adolescentes a fim de permanecer dentro da matriz, mesmo após a idade de exclusão. A afeição maternal é usada para estabelecer o direito masculino de acesso sexual, que, porém, deve ser sempre mantido depois pela força (ou através do controle da consciência), pois o laço adulto original mais profundo é aquele de mulher com mulher<sup>34</sup>. Acho essa hipótese extremamente sugestiva, afinal uma das formas de falsa consciência que serve à heterossexualidade compulsória é a manutenção da relação mãe-filho entre mulheres e homens, inclusive a partir da demanda de que as mulheres provenham conforto materno, cuidado, sem julgamentos, e compaixão para seus molestadores, estupradores e espancadores, assim como os homens que passivamente as vampirizam.

Quando nós encaramos de modo mais crítico e claro a abrangência e a elaboração das medidas formuladas a fim de manter as mulheres dentro dos limites sexuais masculinos, quaisquer que sejam suas origens, torna-se uma questão inescapável que o problema que as feministas devem tratar não é simplesmente a “desigualdade de gênero”, nem a dominação da cultura por parte dos homens, nem qualquer “tabu contra a homossexualidade”, mas, sobretudo, o reforço da heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas<sup>35</sup>. Um dos muitos meios de reforço é, obviamente, deixar invisível a possibilidade lésbica, um continente engolfado que emerge à nossa vista de modo fragmentado de tempos em tempos para, depois, voltar a ser submerso novamente. A pesquisa e a teoria feminista que contribuem para a

---

<sup>34</sup> CAVIN, Susan. "Lesbian Origins" (Ph.D. diss, Rutgers University, 1978), não publicada, capítulo 6 [Rich, 1986: Essa dissertação foi recentemente publicada como *Origens Lésbicas* (San Francisco: Ism Press, 1986)].

<sup>35</sup> Para minha percepção da heterossexualidade como uma instituição econômica, estou em dívida com Lisa Leghorn e Katherine Parker, que me permitiram ler o manuscrito ainda não publicado de seu livro *Woman's Worth: sexual Economics and the World of Women*. Londres e Boston: Routledge & Kegan Paul, 1981.

invisibilidade ou marginalidade lésbica estão realmente atuando de modo contrário à libertação e ao empoderamento das mulheres como um grupo<sup>36</sup>.

A suposição de que “a maioria das mulheres são heterossexuais de modo inato” coloca-se como um obstáculo teórico e político para o feminismo. Permanece como uma suposição defensável, em parte porque a existência lésbica tem sido apagada da história ou catalogada como doença, em parte porque tem sido tratada como algo excepcional, mais do que intrínseco. Mas, isso também se dá, em parte, porque ao reconhecer que para muitas mulheres a heterossexualidade pode não ser uma “preferência”, mas algo que tem sido imposto, administrado, organizado, propagandeado e mantido por força, o que é um passo imenso a tomar se você se considera livremente heterossexual “de modo inato”. No entanto, o fracasso de examinar a heterossexualidade como uma instituição é o mesmo que fracassar ao admitir que o sistema econômico conhecido como capitalista ou o sistema de casta do racismo são mantidos por uma variedade de forças, incluindo tanto a violência física como a falsa consciência. Tomar passo a favor do questionamento da heterossexualidade como uma “preferência” ou “escolha” das mulheres – e, assim, fazer o trabalho intelectual e emocional que vem a seguir – irá exigir coragem de uma qualidade especial das feministas que se definem como heterossexuais, mas acho que a recompensa será grande: uma libertação do pensamento, a exploração de novos caminhos, a dissolução de outro grande silêncio, uma nova claridade nas relações interpessoais.

### III

Optei por usar o termo *existência lésbica e continuum lésbico* porque o termo *lesbianismo* tem alcance limitado e clínico. *Existência lésbica* sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa mesma existência. Entendo que o termo *continuum lésbico* possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher, não simplesmente o

---

<sup>36</sup> Gostaria de sugerir que a existência lésbica tem sido mais reconhecida e tolerada onde ela é equiparada a uma versão “desviante” da heterossexualidade - em geral, quando lésbicas, tais como [Gertrude] Stein e [Alice B.] Toklas, desempenharam papéis heterossexuais (ou assim pareciam em público) e que tivessem sido identificadas destacadamente com a cultura masculina. Veja também SCHAEFER, Claude E. “The Kuterai Female Berdache: Courier, Guide, Prophetess and Warrior”, *Ethnohistory*, v. 12, n. 3, summer 1965. (Berdache: “um indivíduo de sexo fisiológico definido [homem ou mulher] que assume o papel e o status do sexo oposto e que é visto por sua comunidade como a ser de um sexo fisiológico, mas a desempenhar o papel e status do sexo oposto [SCHAEFER, p. 231]). A existência lésbica tem sido igualmente relegada a ser um fenômeno das classes altas, uma decadência de elite (como na fascinação com os salões lésbicos parisienses de Renée Vivien e Natalie Clifford Barney), obscurecendo as “mulheres comuns” como Judy Grahn em seus livros *The work of a Common Woman*. Oakland: Diana Press, 1978 e *True to Life Adventure Stories*. Oakland: Diana Press, 1978.

fato de que uma mulher tivesse alguma vez tido ou conscientemente tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher. Se nós ampliamos isso a fim de abarcar muito mais formas de intensidade primária entre mulheres, inclusive o compartilhamento de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, o dar e receber de apoio prático e político, se nós podemos ouvir isso em associações como uma *resistência ao casamento* e em um comportamento, digamos, “exaurido”, identificado por Mary Dale (significados obsoletos: “intratável”, “obstinada”, “licenciosa” e “impudica”, “uma mulher relutante de se submeter a cortejos”)<sup>37</sup>, nós começaremos a compreender a abrangência da história e da psicologia feminina que permaneceu fora de alcance como consequência de definições mais limitadas, na maioria clínicas, de *lesbianismo*.

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. Ela inclui, certamente, isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres. Ao nosso próprio risco, romantizamos o que significa amar e agir contra a corrente sob a ameaça de pesadas penalidades. E a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal o que tem sido colocado à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade, a coragem e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação e a dor<sup>38</sup>.

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez. Parte da história da existência lésbica está,

---

<sup>37</sup> Daly, *Gym/Ecology*, p. 15.

<sup>38</sup> “Em um mundo hostil em que não se supõe que as mulheres sobrevivam a não ser através das relações com e a serviço dos homens, comunidades inteiras de mulheres são simplesmente apagadas. A História tende a enterrar o que ela procura rejeitar (COOK, Blanche W. “Women Alone Stir My Imagination”: lesbianism and the Cultural Tradition”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 4, n. 4, p. 719-720, summer 1979.). Em Nova Iorque, o Lesbian History Archives é uma iniciativa de preservar documentos contemporâneos sobre a existência lésbica - um projeto de significado e valor enorme que trabalha contra a censura contínua e a obliteração de relações, redes e comunidades em outros arquivos e contextos da cultura.

obviamente, a ser encontrada em contextos onde as próprias lésbicas, na ausência de uma comunidade feminina coerente, têm compartilhado um tipo de vida social e de causa comum com homens homossexuais. Mas há diferenças: a falta de privilégio econômico e cultural das mulheres, comparado aos homens; diferenças qualitativas nas relações masculinas e femininas – por exemplo, os padrões de sexo anônimo entre homossexuais masculinos e o pronunciado peso negativo da idade nos padrões de atração sexual entre homossexuais masculinos. Percebo a experiência lésbica a ser, tal como a maternidade, uma experiência profundamente feminina, com opressões, significados e potencialidades particulares, que não podemos compreender quando nós a agrupamos simplesmente com outras existências sexualmente estigmatizadas. Da mesma forma que o termo *os pais* serve para esconder a realidade particular e significativa de ser uma mãe, o termo *gay* pode servir ao propósito de obscurecer os próprios contornos que precisamos discernir, que são de valor crucial para o feminismo e para a liberdade das mulheres como um grupo<sup>39</sup>.

Como o termo *lésbica* tem sido empregado com associações clínicas, limitadas com definição patriarcal, a amizade e o companheirismo feminino são colocados à parte do erótico, limitando, portanto, o erótico em si mesmo. Quando, porém, nós nos aprofundamos e ampliamos o conjunto do que definimos como existência lésbica, quando delineamos um *continuum* lésbico, começamos a descobrir o erótico em termos femininos: como ele não é confinado a qualquer parte do corpo ou apenas ao corpo em si mesmo; como uma energia não apenas difusa, mas a ser, tal como Audre Lorde chegou a descrever, onipresente no “compartilhamento de alegria, seja física, seja emocional, seja psíquica” e na repartição de trabalho; que o erótico é como a alegria que se fortalece e que “nos faz com menos vontade de aceitar a ausência de poder ou, então, aqueles outros estados adquiridos do ser, que não são nativos para mim, tal como a resignação, o desespero, a depressão e a autonegação”<sup>40</sup>. Em outro contexto, quando escrevia sobre as mulheres e o trabalho, citei a passagem autobiográfica em que a poeta H.D. descreveu como sua amiga Bryher apoiou-a em persistir com a experiência visionária que estava prestes a influenciar seu trabalho mais maduro:

Eu sabia que essa experiência, a de escrever-sobre-a-  
parede à minha frente, não podia ser compartilhada com

---

<sup>39</sup> RICH, Adrienne (1986): As funções históricas e espirituais de "cruzamento", compartilhadas, entre lésbicas e homens gays no passado e no presente das culturas foram traçados por GRAHN, Judy. *Another Mother Tongue: gay Words, Gay Worlds*. Boston: Beacon, 1984. Atualmente, penso que temos muito a aprender tanto acerca dos aspectos singularmente femininos da existência lésbica como da complexa identidade "gay" que nós compartilhamos com homens.

<sup>40</sup> LORDE, Audre. "Uses of the Erotic: the Erotic as Power". In: LORDE, Audre. *Sister Outsider*. Tmmansburg: Crossing Press, 1984.

ninguém, exceto pela moça que permanecia tão bravamente ali ao meu lado. Ela falou sem hesitação. “Vá em frente”. Era ela que realmente tinha o distanciamento e a integridade da Pitonisa de Delfos. Mas era eu, agredida e desassossegada [...] que estava vendo as imagens e que estava lendo o que foi escrito ou que garantia uma visão interior. Ou talvez, de algum modo, nós estávamos “vendo” tudo juntas, pois sem ela, evidentemente, eu não podia ter ido adiante<sup>41</sup>.

Considerando a possibilidade de que todas as mulheres existam em um *continuum* lésbico – da criança mamando no seio de sua mãe até a mulher adulta que experimenta sensações orgásticas enquanto sua própria criança está mamando, talvez relembrando o cheiro do leite de sua mãe em seu próprio leite, ou considerando até duas mulheres, tais como Chloe e Olivia, descritas por Virginia Wolf, que dividiam um laboratório<sup>42</sup>, ou, ainda mais, se consideramos até mesmo a mulher que está morrendo aos noventa anos, tocada e amparada por mulheres – podemos nos ver como a mover para dentro e para fora desse *continuum*, mesmo se não nos identificamos como lésbicas.

Podemos, então, conectar os aspectos de identificação das mulheres, tão diversos como as amizades, tão íntimas e impudentes, de meninas de oito a nove anos ou as associações daquelas mulheres dos séculos doze e quinze, conhecidas como Beguines, que “dividiam e alugavam casas de umas e outras, as repassavam para suas companheiras de quarto [...] casas baratas subdivididas na área dos artesãos da cidade”, que “praticavam a virtude cristã por si próprias, vestindo-se e vivendo de modo simples e sem se associar com homens”, as que ganhavam suas vidas como doceiras, solteironas, enfermeiras, as que mantinham escolas para jovens garotas e que conseguiram – até que a Igreja as forçasse a se dispersar – viver independentes tanto do casamento quanto das restrições dos conventos<sup>43</sup>. Tudo isso nos permite conectar essas mulheres com as mais celebradas “lésbicas” da escola de mulheres ao redor de Safo do século VII a.C, com as sociedades secretas e as redes econômicas que se encontram entre mulheres africanas e com as irmandades chinesas de resistência ao casamento – comunidades de mulheres que se recusaram a casar ou que, se casadas, comumente se recusavam a consumir seus casamentos e logo deixavam seus maridos, as únicas mulheres

---

<sup>41</sup> RICH, Adrienne. "Conditions for work: the common world of women". In: RICH, Adrienne. On Lies, Secrets, and Silence, 1979. p. 209; H.D. Tribute to Freud. Oxford: Carcanet, 1971. p. 50-54.

<sup>42</sup> WOLF, Virginia. A Room of One's Own. Brace & World: Harcourt, 1957. p. 126.

<sup>43</sup> CLARK, "Gracia The Beguines: a Mediaeval Women's Community". Quest: a Feminist Quarterly, v. 1, n. 4, p. 73-80, 1975.

na China que não tiveram seus pés amarrados e que, segundo diz Agnes Smedley, festejavam os nascimentos de meninas e organizavam bem-sucedidas greves de mulheres nas fábricas de seda<sup>44</sup>. Isso nos permite conectar e comparar exemplos individuais disparatados de resistência ao casamento: por exemplo, as estratégias disponíveis de Emily Dickinson, uma mulher branca genial do século XIX, com as estratégias disponíveis de Zora Neale Hurston, uma mulher negra genial do século XX. Dickinson nunca se casou e teve amizades intelectuais bem tênues com homens, vivia semienclausurada na casa refinada de seu pai em Amherst e passou toda a sua vida escrevendo cartas apaixonadas a sua amiga Kate Scott Anthon. Hurston casou duas vezes, mas logo abandonou seus dois maridos, enfrentou um longo caminho da Flórida para o Harlem e para a Universidade de Columbia, daí para o Haiti, e finalmente voltou para a Flórida, movendo-se para dentro e fora da patronagem branca e da pobreza, do sucesso profissional e do fracasso. Suas relações de sobrevivência foram todas com mulheres, iniciando-se com sua mãe. Apesar das circunstâncias bem diversas, essas duas mulheres resistiram ao casamento, comprometidas com seu próprio trabalho e com sua própria personalidade, mas foram depois caracterizadas como “apolíticas”. As duas se voltaram para homens com qualidades intelectuais. Para as duas, as mulheres possibilitavam uma fascinação e um apoio constante em vida.

Se pensarmos a heterossexualidade como a inclinação emocional e sexual *natural* para as mulheres, vidas como essas seriam consideradas desviantes, patológicas e descompensadas em termos emocionais e sensuais. Ou, em jargão mais atual e permissivo, elas são banalizadas como “estilos de vida”. E o trabalho dessas mulheres, mesmo se apenas o trabalho cotidiano de sobrevivência ou resistência individual e coletiva, mas, acrescento, o trabalho da escritora, da ativista, da reformadora, da antropóloga ou da artista – o trabalho de autocriação – é desvalorizado e tratado como o fruto amargo da “inveja do pênis”, sublimação de erotismo reprimido ou a diatribe sem sentido de uma pessoa que “odeia homens”. Mas quando mudamos o ângulo de visão e consideramos o grau e os métodos pelos quais a “preferência” heterossexual tem sido realmente imposta às mulheres, poderemos não apenas entender de modo diferente o significado do trabalho e de vidas individuais, mas

---

<sup>44</sup> Ver PAULMÉ, Denise (Ed.). *Women of Tropical Africa*. Berkeley: University of California Press, 1963. p. 266-267. Algumas dessas sociedades são descritas como “um tipo de sindicato defensivo contra o elemento masculino” e seu objetivo seria “oferecer resistência organizada ao patriarcado opressivo”, “independência frente ao marido e à maternidade, ajuda mútua, concretização de vingança pessoal”. Ver ainda LORDE, Audre. “Scratching the Surface: some Notes on Barriers to Women and Loving”. *Sister Outsider*, p. 45-52; TOPLEY, Marjorie. “Marriage Resistance in Rural Kwanghung”. In: WOLF, M.; WITKE, R. (Ed.). *Women in Chinese Society*. Stanford: Stanford University Press, 1978. p. 67-89; SMEDLEY, Agnes. *Portraits of Chinese Women in Revolution*, ed. J. MacKinnon e S. MacKinnon. Old Westbury: Feminist Press, 1976. p. 103-110.

começaremos a reconhecer um fato central da história das mulheres: que elas sempre resistiram à tirania masculina. Um feminismo de ação, embora nem sempre sem teoria, tem reemergido de modo constante em toda cultura e em todos os tempos. Podemos, então, iniciar o estudo da luta das mulheres contra a falta de poder, a rebelião radical das mulheres, não apenas em “situações revolucionárias concretas” definidas em termos masculinos<sup>45</sup>, mas em todas as situações em que ideologias masculinas não as tenham visto como revolucionárias – por exemplo, a recusa de algumas mulheres de ter filhos, ajudadas, apesar do grande risco, por outras mulheres<sup>46</sup>; a recusa de contribuir com um padrão mais elevado de vida e de lazer para os homens (Leghorn e Parker mostram como as duas coisas consistem grande parte da contribuição econômica das mulheres, que não é plenamente reconhecida, nem paga, nem garantida por meios sindicais). Não podemos ter paciência com a visão de Dorothy Dinnerstein de que as mulheres vêm simplesmente contribuindo com os homens nos “arranjos sexuais” da história. Começamos a observar o comportamento tanto na história como nas biografias individuais, que tem sido até o momento invisibilizado e inominado, comportamento que, de modo frequente, constitui rebelião radical, devido aos limites de contraforça, exercidos em determinado tempo e lugar. E nós podemos conectar tais rebeliões e sua necessidade com a paixão física de mulher para mulher que é central para a existência lésbica: a sensualidade erótica que tem sido, seguramente, o fato mais violentamente apagado da experiência feminina.

#### IV

A identificação entre mulheres é uma fonte de energia e de poder feminino potencial, contido e minimizado pela instituição da heterossexualidade. A negação da realidade e da visibilidade da paixão das mulheres por outras mulheres, da escolha das mulheres por outras como suas aliadas, companheiras de vida e de comunidade, ao se obrigar que tais relações sejam dissimuladas e até desintegradas sob intensa pressão tem representado uma perda incalculável do poder de todas as mulheres *em mudar as relações sociais entre os sexos e de cada uma de nós se libertar*. Hoje em dia, a mentira da heterossexualidade compulsória feminina aflige não apenas a produção

---

<sup>45</sup> Ver PETCHESKY, Rosalind. "Dissolving the Hyphen: a Report on Marxist-Feminist Groups 1-5". In: EISENSTEIN, Zillah (Ed.). *Capitalist Patriarchy and the Case for Socialist Feminism*. New York: Monthly Review Press, 1979. p. 387.

<sup>46</sup> Rich (1986): Ver DAVIS, Angela. *Women, Race, and Class*. New York: Random House, 1981. p. 102; PATTERSON, Orlando. *Slavery and Social Death: a Comparative Study*. Cambridge: Harvard University Press, 1982. p. 133.

acadêmica feminista, mas toda profissão, todo trabalho de referência, todo currículo, toda tentativa de organização, toda relação ou conversação por onde ela se apresenta. Cria, especificamente, uma profunda falsidade, hipocrisia e histeria no diálogo heterossexual, pois toda relação heterossexual é vivida através do nauseante estroboscópio dessa mentira. Ainda que escolhamos nos identificar, ainda que nos achemos categorizadas, ela vibra amplamente e distorce nossas vidas<sup>47</sup>.

Essa mentira coloca um sem-número de mulheres aprisionadas psicologicamente, tentando ajustar a mente, o espírito e a sexualidade dentro de um roteiro prescrito, uma vez que elas não podem olhar para além do parâmetro do que é aceitável. Ela absorve a energia de tais mulheres e drena até mesmo a energia das lésbicas “no armário” – a energia exaurida em uma vida dupla. A lésbica que está presa “no armário”, a ideia que está aprisionada por ideias prescritivas do que é “normal” compartilha as dores das alternativas não alcançadas, das conexões rompidas, do acesso perdido à sua autodefinição de modo livre e poderosamente assumido.

A mentira apresenta-se em múltiplas camadas. Na tradição Ocidental, uma camada – a romântica – assegura que as mulheres se voltem, inevitavelmente, mesmo que impetuosa e tragicamente, para os homens. Até mesmo quando a atração é suicida (por exemplo, em *Tristão e Isolda*; em *The Awakening*, de Kate Chopin), ela é um imperativo orgânico. Na tradição das ciências sociais, afirma-se que o amor primário entre os sexos é “normal”, que as mulheres *precisam* dos homens como seus protetores sociais e econômicos, para a sexualidade adulta e para a complexão psicológica ou, então, que a família constituída heterossexualmente seria a unidade social básica, que as mulheres que não estão ligadas, em sua intensidade primária, aos homens devem ser, em termos funcionais, condenadas a uma devastadora marginalidade, muito maior que a de ser mulher. Não surpreende que as lésbicas sejam vistas como uma população mais escondida do que a dos homossexuais masculinos. A crítica feminista lésbica e negra, Lorraine Bethel, ao escrever sobre Zora Neale Hurston, pondera que é de fato problemático para uma mulher negra – que é duas vezes uma *outsider* – assumir-se com mais uma “identidade odiada”. No entanto, o *continuum* lésbico tem sido uma corda de salvação para as mulheres negras tanto na África como nos Estados Unidos.

As mulheres negras têm uma longa tradição de vinculação conjunta [...] em uma comunidade de mulheres negras que

---

<sup>47</sup> Ver Russell e van de Ven, p. 40: "Poucas mulheres heterossexuais percebem sua falta de livre escolha sobre sua sexualidade e poucas percebem como e por que a heterossexualidade compulsória é também um crime contra elas".

tem sido a fonte de informação para a sobrevivência vital e de apoio psíquico e emocional para todas nós. Temos uma cultura *folk* distinta de mulheres identificadas como negras, baseadas em nossas experiências como mulheres negras em nossa sociedade. Símbolos, linguagem e modos de expressão que são específicos das realidades de nossas vidas. Como raramente as mulheres negras puderam ser incluídas entre os negros e as mulheres que tiveram acesso direto à literatura e outras formas reconhecidas de expressão artística, esta vinculação feminina negra e esta identificação entre mulheres negras acabou por ser frequentemente obscurecida e pouco registrada com exceção das próprias vidas individuais das mulheres negras através das nossas próprias memórias e de nossa particular tradição feminina negra<sup>48</sup>.

Outra camada de mentira é a implicação, encontrada de modo frequente, de que as mulheres inclinam-se para outras mulheres por conta de um ódio próprio pelos homens. Um profundo ceticismo, cautela e paranoia compreensível e correta quanto aos homens pode ser, de fato, parte da resposta de qualquer mulher saudável diante da misoginia da cultura de dominação masculina, mas também uma resposta às formas assumidas pela sexualidade masculina “normal” e até do fracasso de homens “sensíveis” e “políticos” quando percebem ou notam isso como sendo preocupante. A existência lésbica é também representada como um simples refúgio dos abusos masculinos, mais do que uma carga elétrica de empoderamento entre mulheres. Uma das passagens literárias mais comumente citadas sobre relações lésbicas é aquela de Renée, personagem de Colette em *The Vagabond*, em que se descreve “a melancolia e a imagem tocante de duas frágeis criaturas que tinham talvez encontrado abrigo nos braços de uma e de outra, seja estando ali entre si mesmas para adormecer e chorar, seguras diante do homem que é sempre cruel, seja ficando ali a provar, melhor do que qualquer outro prazer, a amarga alegria de se sentirem juntas, frágeis e esquecidas (grifos da autora)”<sup>49</sup>. De modo frequente, Colette é considerada uma escritora lésbica.

---

<sup>48</sup> BETHEL, Lorraine. “This Infinity of Conscious Pain: Zora Neale Hurston and the Black Literary Female Tradition”. In: HULL, Gloria T.; SCOTT, Patricia Bell; SMITH, Barbara (Ed.). *All the Women Are White, All the Blacks are Men, But Some of Us Are Brave*. Old Westbury, NY: Feminist Press, 1982. p. 176-88.

<sup>49</sup> Dinnerstein, a mais recente escritora a citar essa passagem, acrescenta de modo amedrontador: “Mas o que tem de ser adicionado a esse relato é que estas ‘mulheres enlaçadas’ estão se abrigando mutuamente não apenas por conta do que os homens querem fazer com elas, mas em razão também do que elas próprias querem fazer entre si” (DINNERSTEIN, Dorothy. *The Mermaid and the Minotaur: sexual Arrangements and the Human Malaise*. New York: Harper & Row, 1976. p. 103). O fato é, porém, que a violência mulher-para-mulher é um grão diminuto no universo de violência do homem contra a mulher, perpetuado e racionalizado em toda instituição social.

Sua reputação popular tem muito a ver, acho eu, com o fato de que ela escreve sobre a existência lésbica como se o fizesse para um público masculino. Suas primeiras novelas “lésbicas” – a série de Claudine – foram escritas sob pressão de seu marido e publicadas sob seus dois nomes. Em todo caso, com exceção dos textos sobre sua mãe, Colette é a fonte menos confiável sobre o *continuum* lésbico, se comparada a Charlotte Brontë, que compreendia que, se as mulheres podiam, de fato deviam, ser aliadas, mentoras e apoiadoras umas das outras na luta feminina pela sobrevivência, há um prazer bem à parte de simplesmente estar em mútua companhia e na atração recíproca de caráter e mentalidade, o que indica o reconhecimento das suas forças conjuntas.

Do mesmo modo, podemos dizer que há um conteúdo político-feminista *nascente* no ato de escolher uma mulher como amante ou companheira diante da heterossexualidade institucionalizada<sup>50</sup>. Mas para que a existência lésbica concretize esse conteúdo político de forma definitivamente libertadora, a escolha erótica deve aprofundar-se e expandir-se através da identificação consciente entre mulheres – no feminismo lésbico.

O trabalho que vem a seguir, de desenterrar e descrever o que eu chamo aqui de “existência lésbica”, é libertador para todas as mulheres. É um trabalho que deve seguramente mover-se além dos limites restritos, ocidentais, brancos e de classe média dos *Women's Studies* a fim de examinar a vida das mulheres, seu trabalho e agrupamentos dentro de toda estrutura política, racial e étnica. Há diferenças, ainda mais, entre a “existência lésbica” e o “*continuum* lésbico”, diferenças que podemos discernir mesmo no movimento próprio de nossas vidas. Sugiro que o *continuum* lésbico precisa de delineação em vista da “vida dupla” das mulheres, não apenas das mulheres autoidentificadas como heterossexuais, mas das autoidentificadas lésbicas. Precisamos de relatos mais exaustivos e cuidadosos das formas em que essa vida dupla tem se apresentado. Os historiadores precisam perguntar-se de modo constante sobre as formas pelas quais a heterossexualidade tem sido organizada e mantida como uma instituição através da escala de salários femininos, da imposição do “lazer” das mulheres de classe média, da glamorização da conhecida liberação sexual, da restrição em prover educação para as mulheres, da imagética da arte culta e da cultura popular, da mistificação da esfera “pessoal” e muito mais ainda. Precisamos de uma economia que compreenda a instituição da heterossexualidade e a dupla carga de trabalho das mulheres, além da divisão sexual do trabalho como a mais idealizada das relações econômicas.

---

<sup>50</sup> Conversa pessoal com Blanche W. Cook, cidade de Nova Iorque, março de 1979.

Inevitavelmente, a questão surgirá: Estamos, então, a condenar todas as relações heterossexuais, inclusive aquelas que são menos opressivas? Acredito que essa pergunta, embora sentida sempre de modo profundo, seja uma questão equivocada. Estamos inseridos em um labirinto de dicotomias falsas que nos impede de apreender a instituição como um todo: casamentos “bons” *versus* “maus”; “casamento por amor” *versus* casamento arranjado; sexo “liberado” *versus* prostituição; intercurso heterossexual *versus* estupro; *Liebeschmerz*<sup>51</sup> *versus* humilhação e dependência. No interior da instituição, há, obviamente, diferenças qualitativas de experiência, mas a falta de escolha ainda permanece como a grande realidade que não é reconhecida, e, na falta de escolha, as mulheres permanecerão dependentes diante das chances ou da simples sorte de relações particulares e não terão poder coletivo de determinar o significado e o lugar da sexualidade em suas vidas. Quando nós tratamos da instituição em si mesma, além disso, passamos a perceber a história da resistência feminina que ainda não foi totalmente compreendida por si só, porque ela tem sido fragmentada, incompreendida e apagada. Exigirá um entendimento corajoso da política e da economia, além da propaganda cultural da heterossexualidade para, assim, nos guiar para além dos casos individuais e das situações diversificadas de grupo em razão do tipo complexo de abrangência necessária para desfazer o poder que os homens exercem sobre as mulheres em todos os lugares, o poder que se tornou modelar para todas as outras formas de exploração e controle ilegítimo.

Tradução a partir do original: RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. In: GELP, Barbara C. & GELP, Albert (editores). *Adrienne Rich's Poetry and Prose*. New York/London: W.W. Norton & Company, 1993.

---

<sup>51</sup> N. T.: dor de amor